

ÍNDICE

Introdução	11
Parte I	
Verdade:	
<i>Noções e teorias (e escolha obscessionada de uma teoria). Lugar e procedimento das denominadas artes visuais</i>	17
A. Preâmbulo: arte, verdade; existência por natureza e existência Naturalizada	20
1. Entretecimento arte e verdade	20
2. Intuição, invenção, subjectividade	25
3. A finalidade do real	30
4. A verdade, sucintamente	37
5. A arte, sucintamente	40
6. Arte e filosofia: relações, paradigmas	46
7. Unicidade a «quatro»	50
8. Proceder e produzir	52
9. Verdades evenementais, verdades naturalizadas	59
1. História da verdade: proposição, sentença, facto, correspondência e acontecimento	65
1.1. Incerteza das teorias situacionistas da verdade; da substância à deflação ...	71
1.2. Correspondência (1): sinonímia entre definição e pergunta	74
1.3. Correspondência (2): história, proposição, sujeito e predicado	79
1.4. Linguagens formalizadas	85
1.5. Coerência: a linguagem da linguagem	90
1.6. Pragmatismo: investigação e utilidade	92
1.7. Teoria deflacionaria: a verdade instrumental	96
2. Claridade fortuita do acontecimento: indiscernibilidade, inominabilidade, indecidibilidade, genericidade	103
2.1. Arte e verdade: obsessão evenemental	103
2.2. Verdade – Além-ser, recusa da opinião e percepção	107
2.3. Ideia, pensamentos, configuração	111
2.4. «Matemática = Ontologia», Parménides e o não-ser	116
2.5. Infectar o humanismo: matemática, Lautréamont	119
2.6. Remendar o excesso da situação (e do estado	123
2.7. Acontecimento: fragmento da situação, fragmento dele próprio	131
2.8. Acontecimentos exemplares: a irrupção da verdade	134
2.9. Escolha singular e infinito (ou o Mal enquanto ataque á infinitude inominável da verdade)	135

2.10. Democracia e excepção	141
2.11. A situação filosófica	148
3. Vida singular e esforço de construção laica do infinito: ou o infinito axiomático	155
3.1. Universalidade da metafísica e ontologia finitista	156
3.2. Metafísica da finitude do Ente supremo infinito	162
3.3. Persistência finitista	166
3.4. Metafísica moderna e matemática pré-cantorina	169
3.5. A hipótese do contínuo de Cantor	174
3.6. Chegar a uma construção autoconsistente	177
4. Badiou versus Heidegger: <i>não perdemos nada porque somos fiéis ao que nos acontece</i>	181
4.1. Introdução a Heidegger: finitude, temporalidade, mundaneidade	181
4.2. Badiou: produção infinita de verdades	184
4.3. Heidegger: ontologia poética e pré-filosofia	188
4.4. O ser do ser	190
4.5. O Deus-poeta: Hölderlin e o reencantamento	193
4.6. Badiou e a tripla rejeição	196
4.7. A nova meditação cartesiana	199
5. Surgimento do formalismo: a arte como <i>vontade</i>	203
5.1. Verdade artística e «verdade da terra»	203
5.2. Inestética e verdade intrínseca	207
5.3. O acontecimento é anterior a ele próprio (divergindo das rupturas)	210
5.4. Arte, obra de arte, artista, novidade	212
5.5. Visão sem corpo e invisualidade (primeira apresentação)	215
5.6. <i>O que vemos não é o que existe</i>	218
5.7. Construção da observação	220
5.8. Aspiração artística das formas ou determinação técnica?	222
5.9. Historicização das invariantes formais (Rieg)	225
5.10. Formalismo e ciência (ou Faktura antifactográfica)	230
5.11. Estranha verdade (Shklovsky)	232
5.12. Antecedentes da autocracia formal (Bell e Fry)	236
5.13. Visão, imaginação e individualização	239
5.14. Sujeito moderno e visualidade	243
5.15. A planitude como objecto	246
5.16. Vanguardas, boémia e distância	249
5.17. O <i>medium</i> decisivo	251
5.18. Forma e esgotamento	254
5.19. Forma e tradição da surpresa	257
5.20. Absorção e antiteatralidade	258
5.21. Formalismo (ou a matéria que faz uma forma: Bois)	261
5. ANEXO: As formas no tempo histórico – diálogo entre Carlos Vidal e Michael Fried	265

Parte II

Invisualidade:

<i>Trajecto: de tudo o que é visível a tudo o que é invisual, ou o visível que não é visível nem invisível</i>	283
--	-----

6. A ocularidade e os limites da visão: uma primeira introdução ao invisual	286
6.1. Visível, invisível, invisual, visão e olhar	287
6.2. Modernidade e hegemonia da visão, ou a vontade aquém da visão	289
6.3. Libertação da vontade: a visão que «entra» pela pintura	290
6.4. O vórtice da obra de arte, ou ouvir sem escutar	292
6.5. A pintura contra a percepção	293
6.6. Partitura musical e vontade	296
6.7. Organicidade e processualismo em pintura	298
6.8. Autonomização tecnológica da visão	300
6.9. Visão autonomizada ou representação tornada «objecto» (isto é, «imagem»)	301
6.10. Visão, clareza, verdade e evidência (e a centralidade ocular)	306
6.11. Conhecimento e câmara escura	307
6.12. Exossomatismo da visão	310
6.13. Visão – representação e distorção	311
6.14. Descartes: inatismo e visão da alma	312
6.15. <i>La Dioptrique</i> : olho = câmara escura (e sua validação pela <i>alma que vê</i>)	316
6.16. Além da linguagem, o visível e a visão	318
6.17. Iluminismo: clareza e domínio natural	319
6.18. Bach: a música é uma invenção sem destinatário	322
6.19. <i>Die Kunst der Fuge</i> : quando a música se desvincula da interpretação	324
6.20. Descartes, John Locke, David Hume: percepções, impressões, Ideias	326
6.21. Ambivalências do ver e imaginação como obrigação («sim» a Parménides, «não» a Heraclito)	330
6.22. Platão (dualismo?): L recusa da ocularidade sofista e relação entre a Visão e o bem	333
6.23. Luz genésica e luz do dia	336
7. Sensismo ocular iluminista: <i>Mise en scène</i> barroca (teatro, pintura) e «arte solar» (música): da miopia (cisão da atenção) ao infinito (<i>mise en abyme</i>)	339
7.A. Visão empírica, visão especulativa: a visualização das ideias	343
7.1. Jean-Baptiste Lully: imaterialidade como luminosa glória	346
7.2. Amor obscuro e profanação	349
7.3. O irreal quando contido no real (Corneille, Calderón)	354
7.4. <i>Mise en abyme</i> : invisibilidade da vontade, invisualidade da cegueira (Hélène Cixous)	357
7.5. <i>Mise en abyme</i> e apocalipse (a descoberta da verdade)	361
7.6. Representações e interpretações dentro da interpretação	365
7.7. <i>Mise en abyme</i> e invisualidade: o olhar da pintura não é o olhar do pintor (e outros problemas sem solução)	367
7.8. Representação, interpretação, mundo, olhar	370
7.9. O mundo (dentro da pintura)	373
7.10. Definições improvisadas (e o teatro)	374
7.11. Obra e obras, obra entre obras: quando não há interior nem exterior (a apropriação segundo Strauss e Hugo Hofmannsthal)	376
7.12. De Robert Carsen a Patrice Chéreau: <i>mise en abyme</i> realista	379
7.13. Paradoxo da transparência	382

7.14. Paradoxo da experiência	384
7.15. Diderot (1): conduzimos ou somos conduzidos	385
7.16. Diderot (2): o alcance da cegueira (e o alargamento sensorial)	387
7.17. Cegueira, moral e conhecimento	389
8. O colapso da ocularidade: na filosofia e nas artes: de Henri Bergson aos novos processos compositivos nas artes plásticas	393
8.B. O olho vivente: aliado de absolutistas e protagonista de Revoluções	393
8.1. Da luz genésica à <i>nossa</i> luz	396
8.2. Só a luz permite a sua luz	398
8.3. Herança de Descartes e Caravaggio	401
8.4. A «explosão da clareza» tudo obscurecerá	404
8.5. Imersão na pintura: o primeiro passo para de lá poder sair	406
8.C. Suspeição da ocularidade: os principais contributos artísticos (e Introdução à definição do <i>medium</i> da pintura)	408
8.6. <i>Lux, Lumen Iluminatio</i>	412
8.7. «Saciemos os olhos com amor»	413
8.8. Goya: anti-iluminismo, sublimidade; caminhando para a fotografia (no acesso ao inconsciente óptico)	417
8.9. Suspeição da ocularidade: os principais contributos artísticos (2): Fotografia e justiça	420
8.10. Henri Bergson: novo cérebro, novas formas de matéria e Memória	423
8.11. De Bergson ao Impressionismo: o fim da passividade retiniana	425
8.12. Pensamento e movimento (quando a percepção visual se toma por tacto)	431
8.13. Técnicas de ocultação: dados objectivos – «destruição/anulação» da retina	434
8.14. Após a «era da retina»: a pretendida «era do conceito» (recapitulações)	440
8.15. Consequências do <i>ready-made</i>	441
8.16. Ligação objecto-linguagem: emersão, aparição	448
8.17. Mapa, arquivo, índice: cegar de novo (ou a fé na palavra)	451
8.18. Estamos ainda presos às imagens?	455
9. A nova ocularidade ou o triunfo do olhar: O «spectador» da Pintura, de Sartre a Lacan e de Derrida a Homero	463
9.1. Recapitulando: visão empírica e visão especulativa; clarificando: O antiocularcentrismo	464
9.2. A visão e o visível tornado visual (uma introdução ao tema do sentido e da significação)	466
9.3. Do domínio do espectador (a imagem, a visão, o visível e o visual) à ficção da sua ausência	468
9.4. «Ouço passos no corredor: alguém olha para mim» (o olhar [1])	470
9.5. Escrever (e nunca descrever) uma pintura	473
9.6. Eu existo por causa do olhar, <i>no</i> olhar, segundo o olhar (2)	475
9.7. ... ou então eu não existo, escoo-me	476
9.8. Merleau-Ponty: o olhar-corpo	479
9.9. O que eu penso, o que eu vivo	481
9.10. O que ocorre no cérebro: a dependência da visão	484
9.11. Leonardo, Lacan: o objecto na pirâmide ocular	488
9.12. O símbolo é como que o meu escudo	490
9.13. O mais elevado dos saberes: a oraculidade	492

9.14. Turner-Impressionismo: o fim do simbólico (ou quando o mundo nos viola a retina)	493
9.15. As mitologias brancas	494
9.16. «Felicidade da cegueira»	497
9.17. (i) Composição, (ii) desenho, (iii) cor (ou o inverso: cor → desenho?)	501
9.18. Ou a obra ou o <i>medium</i>	503
9.19. A porta, a única porta	508
10. As quatro determinantes da invisualidade	511
A. O visível	511
a. <i>Falibilidade do olho, da visão, da imagem</i>	511
b. <i>Enumeração seca</i>	513
B. O visual	514
c. <i>Visível e invisível (a primeira ligação), visual e invisual (a segunda ligação)</i>	514
d. « <i>Procura desprender o teu coração da coisas visíveis</i> »	516
C. O invisível	517
e. <i>O invisível é a casa da interpretação</i>	517
f. <i>Interpretabilidade: como um «meio sem fim»</i>	519
g. <i>Interpretação e invisível (a terceira ligação), interpretabilidade e invisualidade (a quarta ligação)</i>	521
h. <i>Esperança: a experiência do mundo</i>	523
i. <i>A fé: nem visível nem invisível, antes o visível que nasce do invisual</i>	526
D. O invisual	528
j. <i>Montsalvat: o louco puro e as suas faculdades perante a invisualidade</i>	529
k. <i>Compaixão, salvação: outra forma de secundarizar a visão</i>	530
l. <i>Invisualidade e secundarização do conhecimento (ou o passado imemorial)</i>	532
m. <i>A profundezas das profundezas: o limiar dos nossos sentimentos</i>	536
n. <i>Cerimónia de iguais</i>	538
o. <i>Medium invisual, obra (aparentemente) visível e visual</i>	540
p. <i>A opticalidade existe? Como? (Onde? Quando?)</i>	542
q. <i>A pintura é o conflito entre o visível e o processo do seu «aparecer» (pictórico)</i>	546
r. <i>Greenberg, o óptico e a opticalidade</i>	548
s. <i>A pintura é o seu medium definitivamente tornado «quadro»</i>	551
t. <i>Etapa: opticalidade → óptico → «quadro»</i>	556
u. <i>Quando é o começo da pintura?</i>	559
v. <i>O acontecimento em pintura: a tentativa de recuperação (impossível) da imagem do medium</i>	561
v(1). <i>O «acontecimento Giotto» (fundação do problema)</i>	562
v(2). <i>A arte quando constituída por imagens não-artísticas</i>	565
v(3). <i>As imagens depois de Giotto (Savonarola e Lutero)</i>	567
v(4). <i>O «acontecimento Caravaggio» e o «acontecimento Velásquez» ...</i>	571
v(5). <i>O «acontecimento vídeo»</i>	574
w. <i>Imaterialidade da opticalidade versus materialidade do «quadro»</i>	574
y. <i>A pintura: oito definições</i>	577
z. <i>(conclusão), A inevitabilidade da pintura</i>	586

Parte III

Interpretabilidade e invisualidade exemplar:

<i>Caravaggio, Rembrandt, Velázquez, Vito Acconci, Bruce Nauman</i>	611
11. <i>Post-scriptum</i> sobre o interpretável: uma consequência imediata da verdade e invisualidade da pintura; a inestética e a interpretação musical como paradigmas da interpretabilidade	613
11.1. Dissociação total entre interpretável e interpretação	614
11.2. Verdade/acontecimento → interpretabilidade	615
11.3. Vocação aventurosa da inestética	617
11.4. Criação sem interpretação	620
11.5. Que fala é a fala da obra?	621
11.6. Interpretação e juízo de valor	623
11.7. O interpretável não nasce do «fracasso» da interpretação	625
11.8. Experiência (prazer – juízo) versus método crítico	627
12. Situações exemplares: da pintura à videoarte (uma nova invenção das artes plásticas) e da insubstancialidade da luz ao corpo (ou invenção) do nada	633
I Caravaggio: o corpo da invisualidade	
a. <i>A via crucis do desrespeito</i>	634
b. <i>Todo o acontecimento tem de ser desrespeitoso</i>	636
c. <i>O «acontecimento Caravaggio» (desenvolvimento)</i>	639
d. <i>É isto a «luz»</i>	641
e. <i>O infinito existe «dentro» do quadro finito</i>	643
f. <i>«A Natureza teve medo»: insubstancialidade da luz ou a sombra morta</i>	646
g. <i>Antecedentes caravaggescos: radioscopy dos corpos e da forma da luz</i>	649
h. <i>O mundo e Caravaggio depois de S. Mateus (esquecer definitivamente Rafael)</i>	651
i. <i>Hieratismo? Dinamismo? Interpretar? – falhar, e não tentar de novo</i>	653
j. <i>Ao que Caravaggio obedece: «o Senhor habita na escuridão»</i>	655
k. <i>A sinceridade do olho e a destruição da pintura</i>	658
II Rembrandt: A visão do tacto – uma reflexão sobre o atelier	
a. <i>Naturalismo e tenebrismo</i>	662
b. <i>Caravaggio: dar forma-corpo à sombra; Rembrandt: dar forma-corpo ao espaço (através da sombra)</i>	664
c. <i>Sombra, luz, obscuridade, «lentidão táctil»</i>	666
d. <i>Luz relativa</i>	668
e. <i>A luz como «imagem seca»</i>	671
f. <i>Paleta e mundo abertos (esculpindo espaços bidimensionais)</i>	673
g. <i>Natureza e contra-substancialidade</i>	674
h. <i>As rugas do mundo</i>	675
III Velázquez: O retrato da opticalidade	
a. <i>Os dois trabalhos de Hércules segundo Velázquez: a extensão da retina e a extensão da pintura</i>	679
b. <i>A opticalidade faz a pintura (que é «óptica» sem opticalidade): ou a pintura como autodestruição</i>	680
c. <i>«Competió Velázquez con Carabagio»</i>	682
d. <i>Velázquez e Caravaggio (de novo): uma pista de trabalho ou um equívoco</i>	685

<i>e. Caravaggio, Rubens, Velázquez; transcendência e localismos</i>	688
<i>f. O encontro entre retina e matéria (uma pintura sem desenho; uma pintura sem arquitectura)</i>	690
<i>g. Terminou o nascimento da pintura? Velázquez completa Giotto?</i>	691
<i>h. Confirmando os constituintes da pintura: olhar, outrem, opticalidade, quadro</i>	694
<i>i. Liquefacção</i>	696
IV Vito Acconci e Bruce Nauman:	
Artistas da palavra, do som, do espaço, do nada (e da sua imagem Absurda)	
<i>a. Videosfera: o real é bidimensional</i>	699
<i>b. Entrar pelo readymade – sair pelo vídeo</i>	700
<i>c. Espelhos, ciclos narcísicos, dor e duplicação (ou a dor da duplicação)</i>	702
<i>d. Centros</i>	703
<i>e. Imagem: é aquilo que está aquém da coisa</i>	705
<i>f. Quando duplicar é ficcionar uma duplicação</i>	707
<i>g. A poesia envia-nos para o vídeo?</i>	710
<i>h. Quando a cura da cegueira não nos devolve a visão</i>	715
<i>i. Raw Materials: Nauman e o ruído anterior à palavra e imagem</i>	715
<i>j. Os materiais como actores conceptuais</i>	717
<i>k. Estúdio como auto-retrato</i>	718
<i>l. A ausência como obra</i>	721
<i>m. Maquilhagem: a refundação do «quadro»; por último, o ruído como a fonte ilimitada de todas as artes</i>	724
13. Conclusão: a omnipotência da invisualidade (ou o canto das Musas)	729
Notas	757
Bibliografia	797
Discografia / Videografia (Selecção)	831
Índice onomástico	839